

Perito não vê redução da dívida

Washington — O Plano Brady, considerado como a panacéia da administração Bush para encarar os problemas da dívida do Terceiro Mundo, não reduz de maneira efetiva os bilhões de dólares que as nações pobres devem pagar pelos juros, disse um especialista em finanças internacionais.

John Williamson, perito do Instituto de Economia Internacional, disse que os países devedores enviaram no ano passado 37 bilhões e 300 milhões de dólares aos países credores como parte do pagamento de sua dívida, que chega a um trilhão e 200 bilhões de dólares.

“Parece que vai ser difícil conseguir uma redução nos pagamentos do serviço da dívida externa, que chega a sete bilhões anuais, com um capital total de 25 bilhões ou menos”, indicou Williamson em seu estudo “Fórmulas Voluntárias para o Alívio da Dívida”, publicado hoje.

O serviço da dívida inclui no geral uma parte do capital original e seus juros. Porém, poucos dos países do Terceiro Mundo efetuaram algum pagamento de capital desde 1982. Alguns, como a Argentina e Peru, adiaram inclusive o pagamento de seus juros.

Williamson sugeriu que se requer uma aportação total de cerca de 40 a 50 bilhões em novos empréstimos, que os países devedores podem utilizar para reembolsar a antiga dívida a desconto. Propõe o câmbio das dívidas antigas por novas dívidas, a um interesse assegurado a nível mais baixo.

A proposta de Brady, divulgada no dia 10 de março, anima os bancos a perdoarem porções substanciais de seus empréstimos às nações altamente endividadas em troca de garantias de que o resto será pago. As garantias devem ser extensas pelo Fundo Monetário Internacional e sua agência filial, o Banco Mundial.

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, disse ontem em Paris que os bancos comerciais devem realizar maiores esforços para reduzir suas dívidas.

DESANIMADOR

Porta-vozes do Tesouro norte-americano se recusaram a calcular oficialmente quanto da dívida pode ser reduzido pelo plano. Disseram que isso dependerá de quantos países o solicitem e quantos se comprometem a cumprir as condições. O banco e o Fundo requerem algumas

políticas de austeridade das nações devedoras em troca de ajuda.

Williamson disse que era desanimador o pedido de Brady de novas políticas dos devedores para aceitar a ajuda. O economista sugeriu que os países que já introduziram mudanças profundas de política econômica devem ser recompensados com uma solução definitiva para sua crise financeira.

Williamson propõe que os bancos que não darão nenhum outro alívio na dívida deveriam aceitar um limite nos pagamentos dos devedores, que deve ser fixado pelo montante das receitas por exportação do país endividado. O restante do dinheiro devido aos bancos seria acrescentado ao total da dívida.

Williamson foi assessor do Tesouro britânico e do Fundo Monetário Internacional, e deu aulas de economia nas universidades de Iork, Grã-Bretanha, Princeton, EUA, e na Federal do Rio de Janeiro.

O Instituto de Economia Internacional foi criado pelo Fundo Marshall da Alemanha Ocidental e recebe financiamento dessa nação e de outros governos e fundações.